

O LEGADO FILOSÓFICO DE ENRIQUE DUSSEL (1934 – 2024)*THE PHILOSOPHICAL LEGACY OF ENRIQUE DUSSEL (1934 – 2024)*Márcio Soares Berclaz¹**Introdução**

05 de novembro de 2023 marcou a triste partida do que, até então, representava o maior filósofo latino-americano vivo: Enrique Dussel.

O legado filosófico de Enrique Dussel é simplesmente extraordinário. Tem a grandeza e a beleza da América Latina.

O presente texto procura mostrar alguns elementos desta trajetória a partir da escolha, relativamente aleatória, de algumas obras de diferentes períodos de sua produção. Não se duvida que a consistência do legado filosófico de Dussel, a despeito de suas diversas fases e momento, assim permite, em especial porque, do início ao fim, sempre houve uma essência preservada².

Argentino de Mendoza, radicado no México, poliglota, marido de Hannah e Professor de muitas gerações, Dussel foi, sem dúvida, o maior expoente da Filosofia da Libertação.

Dussel, na sua exemplaridade acadêmica e incomum produção, nos entregou a perspectiva da Libertação em muitas frentes: Ética, Política, Economia e até mesmo uma Estética³.

¹ Mestre e Doutor em Direito pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor. Membro do Ministério Público do Paraná desde 2004. Sócio-fundador e membro do Coletivo Transforma MP e do Instituto de Pesquisa, Direitos e Movimentos Sociais (IPDMS). Email para contato: marcioberclaz@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8267-6033>.

² Dussel, 1997, Oito ensaios sobre cultura latino-americana e Libertação, p. 5: "Cremos que em todos os ensaios é possível ver um mesmo elã [...]"

³ Dussel, 1997, Oito ensaios sobre cultura latino-americana e Libertação, p. 112/115: "O artista é muito mais que um imitador e sua missão é muito mais elevada e humana que a mera expressão da beleza, sobretudo quando esta é entendida como mera vivência subjetiva. O artista situa-se diante dos entes, diante do cosmos, reutilizando a atitude fundamental que faz do homem um homem. E o homem é tal, é porque da noite escura do ente pode instaurar um mundo. [...] O artista tem a missão, primeiramente, de compreender o ser de tudo aquilo que habita o mundo. Esse mundo é necessariamente um mundo cultural e histórico. O homem, de tanto habitar o seu mundo, torna-o sem brilho, opaco, habitualiza-o pelo uso; o mundo cotidiano perde o sentido e tudo se trivializa no pessoal, na inautenticidade, nas coisas instrumentais cujo ser jaz no esquecimento. Se os homens não tivessem quem lhes mostrasse o ser esquecido dos entes do mundo, tudo voltaria à escuridão original. O homem deve, porém, transcender-se, isto é, deve recuperar-se com sentido através de uma contínua interpelação a partir do topo do ser dos entes. O artista, como dissemos, começa sua tarefa por uma compreensão do ser, por sua intuição. [...] Por isso, o artista deve ser antes de tudo um ser humano, que junto ao metafísico cumpre a

Dussel, na sabedoria de quem reconhecia que "não se podem dar saltos no pensar", coerente com a proposta de diálogo filosófico permanente, sabia, como poucos, beber⁴ da fonte de marcos filosóficos eurocêntricos para, a partir daí, depois de apresentar a importância para compreensão da ordem vigente, propor a nota principal da sua filosofia: transformação.

Dussel representa a expressão de uma filosofia latino-americana potente e autêntica pensada para as muitas vítimas de um sistema de dominação.

A partir do que se pode extrair de melhor de uma tradição marxista complementada por ideias acentuadamente originais, Dussel sempre teve muita coerente significação e sentido metodológico em transitar do abstrato ao concreto, em reconhecer três níveis de mediações (formal, material e o factível) e reconhecer a importância de se ir do simples ao complexo.

Dussel também serve como um incomum exemplo da importância da materialidade histórica⁵. Muito de seu trabalho começa na revisitação da história, passa pela construção ou apresentação de uma arquitetura para, a partir daí, buscar a superação do vigente na busca da superação das muitas circunstâncias que bloqueiam e impedem a reprodução e incremento da vida concreta⁶.

Qualquer obituário que queira dar conta de mostrar o tamanho da filosofia de Enrique Dussel não será tarefa fácil, tal como árduo é a tarefa do próprio pensar⁷. Além de uma obra de mais de mais de sessenta livros e quatrocentos artigos⁸ e sabe-se lá quantas centenas de

missão suprema dentro de uma cultura: recuperar o sentido do ser de uma época. Sua função não é intuir a beleza, mas primeiramente o ser".

⁴ Dussel, 2014, *Para una ética de la liberación latinoamericana*, p. 11: "En efecto, nuestra tarea no es simple. En primer lugar, como filósofos latinoamericanos del pasado debemos partir de la filosofía aprendida, de la europea, la única que en verdad se ejercía en nuestro mundo contemporáneo. Omo de lo profundo de una mina era necesario subir paso a paso hasta llegar a la superficie".

⁵ Dussel, 2014, *Para una ética de la liberación latinoamericana*, p. 12: "El pensar que no se compromete con la realidad histórica, siendo esta la única realidad que nos ha sido dada para ser vivida, es un pensar sofisticado, inauténtico y culpable de la solidarización con el *statu quo*, con la dominación imperial y con el asesinato del pobre".

⁶ Dussel, 2007, p. 11: "Encontramo-nos diante de um fato massivo da crise de um 'sistema mundo' que começou a se formar há 5.000 anos, e está se globalizando até chegar ao último rincão da Terra, excluindo, paradoxalmente, a maioria da humanidade. É um problema de vida ou morte. Vida humana que não é um conceito, uma idéia, nem um horizonte abstrato, mas o *modo de realidade* de cada ser humano concreto, condição absoluta da ética e exigência de toda a libertação. Não deve estranhar, então, que esta *Ética* seja uma ética de afirmação total da vida humana ante o assassinato e o suicídio coletivo para os quais a humanidade se encaminha se não mudar o rumo de seu agir irracional".

⁷ Dussel, 1986, p. 16: "Peço-lhes desde já tenham paciência, pois a tarefa do pensar é árdua e se o tema por vezes parece fugir e perder-se na distância irá, contudo, tornando-se próximo e compreensível".

⁸ Bautista Segales, Lizárraga Colmanares, 2021 ("Claves para interpretar el pensamiento crítico de Enrique Dussel, introdução à Antologia de Dussel): "Y a esto se suma que la obra de Enrique Dussel es sumamente amplia, con más de 60 libros y 400 artículos, y por ello el lector que se acerca por primera vez a ella se

palestras e milhares de aulas, a sua trajetória de vida e experiências também é algo absolutamente marcante.

Entre o verdadeiro tesouro que é o legado filosófico de Enrique Dussel está não apenas uma filosofia da vida, coerente e continuada, como um romance, mas a clareza categorial como potente mediação, inclusive para fazer filosofia para além do tempo. Não por acaso a Transmodernidade⁹, como uma nova idade do mundo, é uma das marcas do seu proposto diálogo filosófico. Uma Transmodernidade que deveria estar plena de diálogos filosóficos, não apenas do "sul para o sul", mas do "sul para o norte", como Dussel sempre enalteceu e praticou, com Apel, Paul Ricouer e tanta gente mais...

Quem teria tanta clareza ao apresentar a inauguração da Modernidade desde 1492 com o desvelamento da brutal e violenta conquista da América¹⁰ que nada teve de *descobrimento*, a não ser o encobrimento do outro como opressão histórica?

Quem mais, superando a totalidade eurocêntrica, saberia valorizar a importância da alteridade¹¹ e exterioridade de uma filosofia preocupada com a fome, com a exploração e outras dores do mundo?¹²

encontra con una dificultad al introducirse en un pensamiento que se ha ido gestando a lo largo de más de 50 años y que desarrolla infinidad de temas y conceptos. En este sentido, la presente antología tiene como objetivo principal resaltar precisamente dichos nodos problemáticos y presentar al lector una selección de textos donde Dussel aclara conceptos fundamentales para la consolidación de la Filosofía da Liberación sin más. En esta introducción nos proponemos abordar cuatro interpelaciones que enfrentan a quienes se acercan a la obra de Dussel, sin conocer genealógicamente cómo se ha ido construyendo su pensamiento a lo largo de los años. Consulte-se la página [www.enriquedussel.com]. Seleccionamos estas cuatro interpretaciones después de haber acompañado durante varias décadas la construcción de la obra de Enrique Dussel en aulas, seminarios y discusiones críticas con pensadores contemporáneos. [...] Primera interpelación. Superación de la ontología y formulación del método analéctico [...] Segunda interpelación. La lectura de Marx y la crítica teológica [...] Tercera interpelación. El giro pragmático y la irremontabilidad de la vida [...] Cuarta interpelación. Historia mundial y Política de la liberación. [...] Nuevas tareas. ¿Vuela a la económica?".

⁹ Dussel, 2015, p. 294-294: "Una estrategia presupone un proyecto. Denominaremos proyecto *trans*-moderno al intento liberador que sintetiza todo lo que hemos dicho. [...] El diálogo, entonces, entre los creadores críticos de sus propias culturas no es ya moderno ni posmoderno, sino estrictamente *trans*moderno, porque, como hemos indicado, la localización del esfuerzo creador no parte del interior de la Modernidad, sino desde su exterioridad, o aún mejor de su ser 'fronterizo'. [...] La afirmación y desarrollo de la alteridad cultural de los pueblos poscoloniales, subsumiendo al mismo tiempo lo mejor de la Modernidad, debería desplegar no un sentido cultural que tendiera a una unidad globalizada, indiferenciada o vacía, sino a un pluriverso *trans*-moderno con muchas universalidades: europea, islámica, vedanta, taoísta, budista, latinoamericana, bantú, etc), multicultural, en diálogo crítico intercultural".

¹⁰ Dussel, 1997, p. 12: "A conquista da América, que se inicia desde o próprio descobrimento em 1492, não é somente um feito individual mas sim histórico-político. A Europa começou mediante a Espanha e Portugal sua expansão dominadora sobre o mundo periférico".

¹¹ Dussel, 2014, p. 12: "[...] pasaremos, más allá no sólo de la modernidad sino del mismo Heidegger y Hegel, más allá de la Europa imperial, al planteo de la cuestión del Otro siguiendo ahora el camino que nos indica Levinas, al que tampoco imitaremos a pie juntillas sino que lo dejaremos cuando lo creamos conveniente. Ahora sí habrá surgido ante nosotros un ámbito más allá del fundamento ontológico europeo que nos permitirá pensar la cuestión latinoamericana, nuestro ser dis-tinto, y la ética de la liberación que necesitamos para que nuestra acción ilegal se nos presente con la dignidad de un gesto supremamente moral, digna de los héroes, no de los que dominan y conquistan, sino de los que crean las patrias y liberan a los oprimidos. Desde la 'Alteridad' surge

Quem pôde saber articular tanto a dimensão da teoria com a práxis¹³, inclusive superando a ontologia dialética¹⁴, ora escrevendo para a academia¹⁵, ora escrevendo de maneira tão direta e didática, como feito por ocasião da singular obra de "20 teses para a política"?

Que filósofo que, preocupado sempre com busca de um horizonte mais radical, teria sido capaz de incomodar tanto os militares ao ponto de ter seu escritório bombardeado?

Quem, em tantos momentos, se ocupou tanto de apostar na juventude para a construção de uma filosofia crítica interpeladora e assumidamente esperançosa no futuro e no porvir?

Quem se ocupou tanto de partir do poder cidadão para celebrar a necessidade de revitalização da democracia a partir de bases participativas, ainda que talvez com certa aposta excessivamente otimista na dita *era digital*?

Quem mais poderia ser tão claro ao indicar que "o rosto do pobre índio dominado, do mestiço oprimido, do povo latino-americano é o 'tema' da filosofia latino-americana [...] este pensar ana-lético, porque parte da revelação do outro e pensa sua palavra"¹⁶?

Quem teria tanta preocupação didática não só em escrever com clareza, objetividade e profundidade, não raro com quadros gráficos correspondentes aos incessantes movimentos do seu pensar, mas também falar com uma oralidade e entonação igualmente didática, não raro com brilhantes e divertidas "sacadas" metafóricas?

Quem teria a perspicácia de perceber que mesmo no paradigma filosófico da razão comunicativa, não basta uma "comunidade de comunicação ideal" longe das assimetrias da "comunidade de comunicação real"?

un nuevo pensar no ya dialéctico sino analéctico [...] Filosofía de los oprimidos a partir de la opresión misma. Filosofía de la liberación de las naciones pobres del globo".

¹² Dussel, 1997, p. 9-11: "O 'Ai' do grito de dor produzido por um golpe, uma ferida, um acidente, indica de maneira imediata não *algo* mas sim *alguém*. Aquele que ouve um grito de dor é pego de surpresa porque irrompe em seu mundo cotidiano e integrado o sinal, o som, o ruído que quase permite vislumbrar a presença ausente de alguém na dor. Não se sabe, ainda, *que* tipo de dor nem o *porquê* do grito, e por isso é inquietante até que se saiba quem é e por que se lamenta. O *que* o referido grito diz é secundário; o fundamental é o próprio *dizer*, é que alguém *diz* algo. No grito de dor não se apresenta o *dito* mas um *dizer*, a própria pessoa, a exterioridade que provoca: que 'voca' ou chama pedindo ajuda. [...] O grito de dor como o 'Tenho fome!' exige uma resposta peremptória. A resposta que traz como obrigação a responsabilidade: ser responsável ou tomar a seu cargo aquele que clama e a sua dor".

¹³ Dussel, 1997, Teologia da Libertação: um panorama do seu desenvolvimento, p. 110: "[...] um caminho *prático*. A práxis antecede a teoria".

¹⁴ Dussel, 1986, p. 13: "[...] já indicavam a superação da dialética mediante a colocação meta-física da exterioridade do outro".

¹⁵ Dussel, 2014, p. 13-14: "Tenemos consciencia de que la lectura de este trabajo será ardua, primeramente, porque su estilo se sitúa en el nivel del universitario en filosofía [...]Seria fácil escribir una obra mucho más corta, positiva, expositiva, para el 'hombre de la calle'".

¹⁶ Dussel, 1986, p. 197.

Quem teria tamanha sabedoria e consciência geopolítica que poderia se inspirar na injustiça em Chiapas desde os primórdios da Filosofia da Libertação até mesmo a insurgência dos zapatistas em 1994, movimento presente e referido por diversas vezes ao longo da sua obra, em especial na Política de Libertação? Quem poderia enfrentar, de maneira percuciente, tantos temas para além da América Latina, como a complexidade do tema Israel-Palestina que, desde o genocídio na Faixa de Gaza, preocupa ainda mais?

Quem teria uma obra filosófica tão gigante como Dussel recheada de sua humildade acadêmica de, como os grandes sempre fizeram (por exemplo, Freud), recheiar suas propostas de ressalvas e também denominá-las de pretensão?

Quem poderia ser tão completo, analítico e cuidadoso ao descrever a "libertação" como verbete¹⁷ de um Dicionário de Justiça?

¹⁷ Dussel, 2016, p. 312-316: "Semánticamente la palabra *liberación* hay que referirla a un núcleo teórico conceptual semita [...] que se labra en torno al término 'salir' o 'salida' [...] que deviene canónico en la cultura occidental en una narrativa simbólica, metáfora *racional* válida para el pensar filosófico, diría Paul Ricoeur (en aquello de que 'el mito da qué pensar'), enunciada en el Éxodo, cuando relata que 'he descendido para liberarlos [...] de los egipcios, para sacarlo de esta tierra [...] Como comentan Michel Walzer y Ernst Bloch, 'Egipto' es metáfora del sistema de opresión, y la 'salida' de la totalidad opresora (de la tierra *primera* de la esclavitud) es un éxodo, un ir más allá, una *liberación*. Esta estructura semántica, significativa, se constituye en torno a la *esclavitud* (como *negación* del ser humano en una totalidad ontológica) y al pago como *rescate* por el cual el esclavo alcanza la libertad. El concepto de *rescate* se enuncia también con la palabra *redimir*, siendo entonces la *redención* la *liberación* del esclavo que alcanza la libertad por un pago que lo rescata, pero no ya en el sistema vigente (la *primera* tierra), incluyéndolo, sino por la *creación* de un sistema o totalidad futura por construir (la *segunda* tierra). La relación entre liberación, redención y creación colectiva de un *pueblo* es el centro de la obra de Franz Rosenzweig, relacionada con un concepto de la política: 'La *creación* de un *pueblo* como tal pueblo acontece en su *liberación*. [...] Exactamente en el mismo sentido, J.-P Sartre muestra en su obra *Crítica de la razón dialéctica*, que el movimiento dialéctico consiste en el *pasaje* [...] de una totalidad a otra totalidad. Tenemos así un paradigma *racional*, que podemos expresar *filosóficamente* de la siguiente manera: dada una totalidad ontológica vigente una negación óptica (el esclavo es negación del ser humano libre), desde la *afirmación* anticipada de la negación negada (cuando el esclavo imagina ser libre), se llama liberación al *pasaje*, por negación de la negación (la redención del esclavo en la *tierra primera*), de la totalidad vigente opresora a una *nueva totalidad* donde por la negación es ahora *afirmado* el que antes estaba negado, como momento constitutivo de la nueva y segunda totalidad el sistema futuro donde el esclavo es libre; una segunda *tierra* en la que 'mana leche y miel', como repite el himno sandinista en Nicaragua). Se trata de un paradigma racional desconocido por los griegos y la filosofía hegemónica moderna. [...] Todo lo que implica la *liberación* se expresa con la metáfora del 'pasaje' (metafóricamente 'por el desierto') o un 'paso hacia' [...] en un proceso dialéctico trans-ontológico, al nuevo sistema. Para empezar, y como indica Antonio Negri acertadamente, la *emancipación* (usada hoy corrientemente en la filosofía hegemónica) enuncia el hecho de que el sujeto del derecho puede llegar a ejercerlo como lo que ya estaba en potencia (como el hijo que se emancipa con la mayoría de edad), mientras que la *liberación* alcanza un estado en el que nunca se estuvo (como el esclavo que se libera y gana el estatuto de libre, que era una imposibilidad en el proyecto de la totalidad vigente). El primero es un concepto disminuido de la fuerza semántica teórico política y todavía ontológico; el segundo es trans-ontológico y usado en los movimientos revolucionarios (en Argelia, Nicaragua, El Salvador y hasta el Ejército Zapatista de *Libertación Nacional*). [...] Para una filosofía que se nutre y parte del núcleo semántico y la liberación, la cuestión originaria es la del *pasaje* de la totalidad vigente (sea del ser como ontología, o como política, como economía, como género, como raza, como tipo de educación, como cultura, etc.) a una totalidad futura donde sus componentes o momentos óptico funcionales guarden en el nuevo sistema una simetría en la justicia ausente en la totalidad vigente, que inevitablemente encubre una cierta relación de dominación injusta (ya que el acto humano, por finito, no puede ser éticamente perfecto e inevitablemente comete, aún sin intención, efectos negativos imprevisibles). Esta filosofía desde en núcleo teórico de la liberación es tan

Quem mais, na sua firme, resoluta e incansável caminhada acadêmica, filosófica e sobretudo militante, diante do resgate e valorização da teoria da dependência¹⁸ - desde um viés sistemático e filosófico, se atreveria a propor hipóteses para uma nova economia política transcapitalista e preocupada com a construção de um novo sistema equivalencial¹⁹?

Tamanho era o exemplo de Dussel que, ao pensar o Terceiro Tomo, na Crítica da Política da Libertação, já tratou de o fazer como obra coletiva²⁰, como um prenúncio de que é por aí que iria prosseguir a continuada do seu verdadeiramente magnífico legado.

universal como el ser humano, pero no exenta de incertidumbre propia de toda decisión humana inevitablemente perfecta, es decir, fuente de alguna injusticia. [...] Nació así una generación de filósofos latinoamericanos que descubrieron, modificando, concretando y dándole una figura histórica a 'el Otro' levinasiano, a América Latina como explotada (descubrimiento socioeconómico inspirado en la llamada Teoría de la Dependencia, pero ahora dentro de un discurso estrictamente filosófico), a la periferia empobrecida por el centro, a la mujer dominada por el machismo, a la juventud y el pueblo reprimidos por una pedagogía 'bancaria' (diría Paulo Freire, a los pueblos originarios despreciados por la modernidad eurocéntrica, a la política del mundo coloquial ante las metrópolis nord-atlánticas, al capitalismo que explota al trabajador (como muestra Karl Marx), y a todo tipo de dominaciones criticadas filosófica, ontológica, lógica y éticamente por la nueva filosofía. Esto supone repensar toda la filosofía, y por ello exponer una nueva ética, ontología, estética, lógica (analética de la analogía), y filosofías específicas como la de tecnología o del diseño, etcétera. [...] Así, por ejemplo, el obrero en la totalidad del capital como sistema económico de dominación se revela en su dignidad absoluta de Otro que el capital, y lo pone en cuestión desde su interpelación a la justicia. Karl Marx expuso esa crítica contra el sistema vigente en su obra *El capital*, teniendo siempre como referencia el paradigma exótico de la liberación del *trabajo vivo* (*lebendige Arbeit*) como referencia crítica liberadora del *trabajo asalariado*, que es alienado en tanto que creando plusvalor no se le retribuye como parte del salario (es entonces una injusticia, un robo y *El capital* como *crítica* es una ética de la liberación). La existencia de plusvalor es *creación* del Otro que el capital *desde la nada* del capital (es decir, crea plusvalor desde la propia subjetividad del trabajador como fuente originaria, no productiva ni reproductiva, sino creadora). La nueva filosofía analiza racionalmente al *mundo* desde la trascendencia del Otro sufriente, del ser desde la nada de la Alteridad como realidad. Es una tarea crítica y normativa, no meramente descriptiva. Es una vocación, no una profesión, *crítico* filosófica, no como discurso teológico (pero aun puede ser una crítica filosófica de la teología tal como la enuncia Marx, Walter Benjamin u hoy un Jacobo Taubes o Giorgio Agamben), desde la crítica del fetichismo que e hace presente en los debates contemporáneos, como en la descolonización epistemológica de todas las ciencias sociales. La *praxis de liberación*, por su parte, es la mediación universal por la que se deconstruye (destruye) el sistema injusto, negativamente, y crea el nuevo sistema, positivamente. Hay toda una dialéctica entre positividad y negatividad".

¹⁸ Dussel, 1986, p. 13: "Se acrescentamos a isso as descobertas que, em sociologia e economia, vinham realizando os teóricos da dependência, compreenderemos que toda a reflexão filosófica percebeu-se implantada num âmbito totalmente novo. Todo pensar anterior estava escrito na *totalidade* ontológica. Agora, era-nos possível a abertura para a alteridade meta-física [...]". Dussel, 1997, 118: "Diante da crise das ciências sociais na América Latina (como por exemplo as formulações da teoria da dependência) [...]".

¹⁹ Dussel, 2016, *16 Tesis de Economía Política: interpretación filosófica*, "La con-strucción *positiva* del futuro sistema económico es, por otra parte, una tarea difícil, que lleva tiempo, experiencia, imaginación, paciencia. Lo nuevo debe ir probando su capacidad de supervivencia y de constituir un nuevo gen heredable, que cambiando la cadena genética pueda re-producirse en generaciones futuras (esto último es tanto o más difícil que la gestación misma del gen). Las estructuras eficaces, justas, válidas, históricas no nacen en un día ni de la cabeza de los teóricos. Nacen de la lenta experiencia de las comunidades históricas que prueban de mil maneras poder sobrevivir, y que lentamente van descubriendo la manera institucional de hacerlo. Asimismo, ya están surgiendo ante nuestros ojos las experiencias futuras, pero es difícil reconocerlas como gérmenes reales del ansiado futuro. La con-strucción de ese futuro se parece a la solución de un laberinto de infinita complejidad, o la manera en que la evolución fue creando nuevas especies".

²⁰ Dussel, 2022, p. 13: "Este tercer volumen de la *Política de la Liberación* (la *Segunda y Tercera Parte*) cambia el estilo de la exposición. Se trata de un texto elaborado por un grupo de autores que hemos trabajado en seminario la temática, y tendrá ciertas novedades sistemáticas elaboradas al correr el tiempo de la reflexión desde 2009 (fecha del volumen II de esta obra, la *Arquitectónica*). El contenido del volumen III fue bosquejado

A despeito do caráter maduro da sua filosofia, Dussel foi o filósofo que deixou muitos "pontos de partida", a partir dos quais é possível descobrir novos territórios temáticos. Onde mais se pode chegar a partir da continuidade do seu legado. "A produção futura o dirá"²¹!

Seguir lendo e pesquisando Enrique Dussel é não só manter o seu pensamento vivo e pulsante, mas, acima de tudo, um compromisso ético aos muitos, aquelas e aqueles, que sua filosofia tocou, mobilizou e inspirou. É, tal como a sensibilidade exigida por Dussel para enfrentar o empobrecimento da América Latina por um modelo de capitalismo periférico recessivo, "uma tarefa ineludível", mais do que isso, "uma responsabilidade histórica"²². Somente assim que "o *discurso da libertação* poderá assim adquirir nova força e crescer ainda mais do que o vem fazendo"²³, afinal, "o caminho não foi ainda inteiramente transitado e por isso resta muito o que fazer"²⁴ e também por isso, "indicaremos um caminho a percorrer mais do que o plano de um caminho já percorrido"²⁵.

A "pertinência"²⁶ da Filosofia da Libertação precisará seguir fisicamente sem a presença do seu principal e mais destacado representante. A sua exigência histórica e missão precisa prosseguir²⁷, desde e para além do próprio lugar "dusseliano"²⁸.

resumida y parcialmente en el libro *20 tesis de política* (2006) de las *tesis 11 a 20*. Sin embargo, habrán novedades sistemáticas, diferencias de forma y de fondo, debido al desarrollo, no solo por la atención prestada a nuevos autores (como, por ejemplo, Walter Benjamin), sino también por la evolución histórica concreta de la política latinoamericana que empíricamente nos ha enseñado nuevos aspectos que exigen desarrollos teóricos de la política en general [...] Fue un último paso en la reflexión de miembros de la comunidad de la Filosofía de la Liberación que, trabajando en equipo en este volumen III, se descubrió la importancia del momento *negativo* de la política [...]."

²¹ Dussel, 1997, p. 116: "[...] terão que contar com o diálogo e a crítica em terrenos nunca explorados sistematicamente, mas, ao mesmo tempo, um ponto de partida - já que se descobrem novos territórios temáticos, a partir de uma práxis sempre mutável. A produção futura o dirá".

²² Dussel, 1997 p. 119: "E, por último, diante do processo gigantesco de 'empobrecimento' da América Latina, dentro de um modelo de capitalismo periférico recessivo - exigido pelo FMI e pelo BM -, a teologia deverá permanecer fiel em saber exprimir o brado dos oprimidos. É uma tarefa ineludível e trata-se de uma responsabilidade histórica".

²³ Dussel, 1986, p. 13.

²⁴ Dussel, 1986, p. 17.

²⁵ Dussel, 1986, p. 18.

²⁶ Dussel, 2012, p. 104: "Para terminar citaremos una expresión del marxismo ético latinoamericano (cambiaremos la palabra 'lucha' por las palabras 'pertinencia de la filosofía': 'Las condiciones objetivas para *pertinencia de la filosofía* están dadas por el *hambre* del pueblo; es la reacción a ese *hambre*')."

²⁷ Dussel, 2012, p. 104: "Mientras la 'miseria' sea un hecho en la mayoría de nuestro pueblo, la *Filosofía de la Liberación* será pertinente - buscando pensar 'filosoficamente' los temas que la realidad le impone. Cuando dicha 'miseria' haya desaparecido, por suerte, la *Filosofía de la Liberación* tendrá otras tareas históricas. Mientras tanto, por desgracia, *debe pensar* la realidad de la miseria, inevitable e irrevasablemente: *negativamente*, criticando, y destruyendo los argumentos aparentes, de los que irresponsablemente evitan tomar a dicha 'miseria' como tema preferente; *positivamente*, describiendo las maneras de su superación".

²⁸ Dussel, 2007, p. 647: "O capítulo 125 do 'Livro dos Mortos': Trata-se de um conjunto de textos dispersos que, com ordem diferente, eram colocados junto aos mortos em papiros, para que pudessem 'lembrar' seus atos em vida no momento do 'Juízo Final' de Osíris. [...] No Império Antigo, ressuscitaram só os faraós, os sumos sacerdotes e os grandes personagens. As pirâmides nos lembram a esperança numa 'vida' eterna. No Império Médio (a partir de 2060 aC), a fim da dinastia XI, e posteriormente em tempos de anarquia, depois de revoltas

Obrigado, a todas e todos aqueles que, no Brasil, como Celso Ludwig, Jacinto Nelson de Miranda Coutinho, Ricardo Prestes Pazello, Alexandre Morais da Rosa, Lucas Machado Fagundes²⁹, Enzo Bello, Samuel Radaelli, Fernanda Frizzo Bragato, Daniel Pensarelli³⁰,

populares para alcançar tal possibilidade, a ressurreição se universaliza a todos os habitantes, mas igualmente as exigências éticas que constam no *Livro dos mortos*. [...] Trata-se de um dos mitos éticos mais determinantes da história universal. [...] Desejamos só indicar um elemento das tantas riquezas éticas destes textos e em relação ao argumento central de toda esta *Ética da Libertação*. Trata-se do Capítulo 125 do indicado livro que desejamos comentar. Este longo capítulo é o relato da presença daquele que morreu na grande Sala de Maat (a lei do universo), onde é julgado o 'Osíris N.' (o morto com nome próprio) para nele encontrar ou não os méritos para ressuscitar. O capítulo começa, depois da apresentação daquele que vai ser julgado, com as famosas declarações de inocência ("Não cometi maldade contra os seres humanos. Não maltratei as pessoas..."). Num momento central do texto podemos ler os seguintes critérios éticos, que o morto com pretensão de ressurreição proclama publicamente na grande Sala de Maat: *Satisfiz o deus cumprindo o que desejava. Dei pão ao faminto, água ao sedento, vesti o que estava nu e uma barca ao naufrago*. E os deuses, personalizando o morto, perguntam-lhe: 'Quem és tu? Me dizem; qual é o teu nome? Me perguntam'. Isto nos indica o profundo conceito da individualidade pessoal da eticidade egípcia, que o pensamento semita herdará, mas não o grego (com a sua imortalidade universal da alma), e através dos semitas passará para os judeus, os cristãos, os muçulmanos e os modernos. Uma das tantas influências históricas deste texto se deixa ver, 23 séculos depois da origem da escola menfita, num texto hebraico de Isaías 58, onde componentes do grupo do Terceiro Isaías escrevem: *O jejum que eu quero é este: ...deixar livres os oprimidos, quebrar todos os cepos; partir teu pão com o faminto, hospedar o pobre sem teto, vestir o que está nu, e não te esconderes daquele que é a tua carne*. Todo o texto deste cap. 58 não fala da exigência de uma corporalidade reconhecida em sua dignidade. Sete séculos depois do texto de Isaías - hoje faz já vinte séculos, mas quase trinta séculos depois da origem clássica da tradição egípcia em Mênfis, quer dizer, desde a origem da cidade egípcia transcorreram até hoje quase cinquenta séculos -, o fundador do cristianismo refere-se novamente aos critérios éticos de Osíris para o Juízo Final em vista da 'ressurreição dos mortos'. Agora a grande Sala de Maat é um espaço perto de Jerusalém. A humanidade está presente publicamente diante de cada ser humano personalizado. Referimo-nos a Mateus 25. No lugar de Ptah ou Osíris, agora está o 'Filho do Homem': *Porque tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, era forasteiro e me destes hospitalidade, estava nu e me vestistes*. Como se pode observar, a ordem lógica do *Livro dos mortos* (que será chamado tanto por cristãos como muçulmanos de *O livro da vida*, por estarem ali anotadas todas as obras realizadas em vida por cada ser humano) é ainda mais correta do que em Mateus, pois parece que dar de vestir é anterior a dar um teto. De qualquer maneira, chama a atenção a proximidade do fundador do cristianismo com a tradição egípcia - não será porque, segundo alguns relatos, esteve de fato no Egito fugindo da perseguição política do governo colaboracionista judeu com o Império Romano? Parece, portanto, que o texto de Mateus tem mais ligação com o *Livro dos mortos* egípcio do que com o Isaías hebraico, tanto pelo número das exigências (quatro nos dois primeiros e três em Isaías) como por sua ordem (uma variação em Mateus e duas em Isaías). Toda esta ética foi uma reflexão ético-filosófica sobre estes textos, talvez os textos *críticos* mais antigos que a humanidade recorda. A ética da libertação não quer aparecer como novidade. Quer aparecer como uma atualização de uma tradição milenar, pisoteada pelo cinismo do capitalismo globalizador, que se pretende o máximo da ciência e da razão, sendo na verdade uma decadência ética, irracional e insensível à dor das vítimas".

²⁹ Fagundes; Rosillo Martínez, 2018, p. 173-174: "As obras de Enrique Dussel, em seu pensamento ético e filosófico político, não tratam em específico do tema jurídico; porém, localizam a discussão jurídica dentro das reflexões sociais, políticas e econômicas; enfim, em outros campos que atravessam a cotidianidade do sujeito. [...] Percebe-se, no presente entendimento de Dussel, que a ordem vigente do direito produz injustiça, pois atomiza um conceito de direito dentro da totalidade enquanto dominação e, ao produzir uma determinada perspectiva de justiça baseada na lei vigente, acaba deixando de fora o 'Outro interpelante', tornando-se injusta a legalidade; ora, nada mais trata este pensamento que anunciar a exterioridade da totalidade jurídica vigente como injusta, ou seja, o 'Ser negado' pela legalidade injusta. Este 'outro interpelante' ou 'Ser negado' é um sujeito vivo que habita a práxis analítica de transformação do sistema jurídico, pois é da busca por justiça deste que emerge uma concepção jurídica crítica".

³⁰ Pensarelli, 2013: "Enrique Dussel nasceu na Argentina, em 1934, e naturalizou-se mexicano após viver ali exilado devido à perseguição e aos atentados sofridos, por ocasião da ditadura militar de seu país natal. Ainda hoje vive no México, lecionando Ética e Filosofia Política em cursos de graduação e pós-graduação na Universidade Autônoma Metropolitana (UAM) e na Universidade Autônoma do México (UNAM). Não farei uma apresentação mais detalhada de sua biografia pessoal e intelectual, visto que estão disponíveis em trabalhos

Antonio Rufino Vieira³¹, entre outras e outros, ensinam e divulgam a obra de Dussel nos seus respectivos campos de pesquisa.

Obrigado às companheiras e companheiros que, desde a *Asociación de Filosofía y Liberación (AFYL)*, do saudoso Núcleo de Estudos Filosóficos (NEFIL) da UFPR (Universidade Federal do Paraná) e do IPDMS (Instituto Pesquisa Direito e Movimentos Sociais), entre outras importantes entidades³² a nominar, para além de tudo que fizeram, honram, divulgam e persistem na pesquisa sobre Dussel e a Filosofia da Libertação.

Muito obrigado por tanto e tudo, inclusive pela privilégio e oportunidade que tive de conhecê-lo³³ pessoalmente, certo de que, assim como Franz Hinkelammert e Juan José Bautista Segales, que também lamentavelmente nos deixaram recentemente, no melhor lugar deves estar, eterno e querido *Maestro* Enrique Dussel!

Caro Mestre: *prometo reler a tese de Doutorado*³⁴, *agora complementada pela Crítica da Política da Libertação*...da mesma forma, prometo revisar.

A propósito, como certamente Dussel poderia gentilmente nos pedir, este que ora escreve e certamente muitas outras e outros continuaram caminhando nas muitas e iluminadas frentes abertas pelo teu apaixonado e entusiasmado fazer filosófico³⁵ de Libertação!

Viva Enrique Dussel!

Referências bibliográficas

do próprio autor e de muitos de seus estudiosos. Para que se tenha uma mínima noção de sua trajetória profissional, todavia, cito que é graduado em Filosofia (Mendoza) e em Teologia (Paris), doutor em Filosofia (Madrid) e em História (Paris), além de *doutor honoris causa* pelas universidades de Friburgo e de San Andrés (La Paz). É fundador e presidente da Associação de Filosofia e Libertação (AFYL), dedicando-se à produção de uma filosofia latino-americana, como filosofia da libertação, desde o início da década de 1970".

³¹ VIEIRA, 2010, p. 12: "[...] em 'Marxismo e filosofia latino-americana', partindo da questão do otimismo militante, comparamos os projetos filosóficos de Ernst Bloch e Enrique Dussel, a fim de compreender a importância da uma filosofia voltada para a transformação do mundo, de modo particular, para a libertação do oprimido".

³² Instituto de Filosofia da Libertação (IFIL), por exemplo.

³³ Encontro que se deu na Cidade do México-DF, juntamente com os queridos Professores Jacinto Nelson de Miranda Coutinho, Aldacy Coutinho e Jacson Zílio.

³⁴ Berclaz, 2019, Agradecimentos: "Ao meu orientador Celso Luiz Ludwig, Professor na melhor e mais ética expressão do termo, que não só me apresentou a Filosofia da Libertação (e o pensamento brilhante de Enrique Dussel) [...] A Enrique Dussel, cuja história de vida, inteligência, vocação apaixonada para a docência, livros e aulas (ainda que virtuais), forjam esta tese na sua espinha dorsal e no que pode ter de melhor, servindo de subsídio para uma pesquisa engajada e militante a partir de *Nuestra América* para o resto da vida".

³⁵ Dussel, 2012, p. 45: "Nuestra estrategia argumentativa en este diálogo parte de un estar de 'acuerdo' con lo fundamental de la propuesta de Apel y, desde sus propios supuestos, de un continuar andando por las 'sendas perdidas (Holzwege)' que no han sido abiertas en el bosque."

- BAUTISTA SEGALÉS, Juan José. **¿Qué significa pensar desde América Latina?** Hacia una racionalidade transmoderna y postoccidental. Madrid: Akal, 2014.
- BERCLAZ, Márcio Soares. **Da injustiça à democracia:** ensaio para uma Justiça de Libertação. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2019.
- DUSSEL, Enrique. **Filosofías del Sur:** descolonización y Transmodernidad. México: Akal, 2015.
- DUSSEL, Enrique. **Teologia da Libertação:** um panorama do seu desenvolvimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- DUSSEL, Enrique. **Método para uma Filosofia da Libertação.** São Paulo: Edições Loyola, 1986.
- DUSSEL, Enrique. **Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação.** São Paulo: Paulinas, 1997.
- DUSSEL, Enrique. **Ética a libertação na idade da globalização e da exclusão.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves, Jaime A. Clasen, Lúcia M.E. Orth. 3a edição. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.
- DUSSEL, Enrique. APEL, Karl-Otto; FORNET B., Raúl. **Fundamentación de la ética y filosofía de la liberación.** México: Siglo XXI, 2012.
- DUSSEL, Enrique. **Para una ética de la liberación latinoamericana. Tomo I.** Argentina: Siglo XXI, 2014.
- DUSSEL, Enrique. **16 Tesis de Economía Política: interpretación filosófica.** México: Siglo XXI, 2016.
- DUSSEL, Enrique. Verbetes: "Liberación". In: PEREDA, Carlos; MARCONE, Julieta; MUÑOZ, María Teresa; PEROUX, Sergio Ortiz (Coords.). **Diccionario de Justicia.** México: Siglo XXI Editores, 2016.
- DUSSEL, Enrique. **Filosofía de la liberación:** una antología. México: Akal, 2021.
- DUSSEL, Enrique. **Política de la Liberación:** crítica creadora. Volumen III. Madrid: Editorial Trotta, 2022.
- FAGUNDES, Lucas Machado; ROSILLO MARTÍNEZ, Alejandro. **Introdução ao pensamento jurídico crítico desde a filosofia da libertação.** Belo Horizonte: D'Plácido, 2018.
- VIEIRA, Antonio Rufino. **Marxismo e libertação:** estudos sobre Ernst Bloch e Enrique Dussel. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010.

COMO CITAR ESTE TEXTO:

BERCLAZ, Marcio Soares. O legado filosófico de Enrique Dussel (1934 – 2024). **Revista Culturas Jurídicas**, Niterói/RJ, v. 10, n. 27, p. 165-175, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/culturasjuridicas/>>.

BERCLAZ, Marcio Soares. O legado filosófico de Enrique Dussel (1934 – 2024). **Revista Culturas Jurídicas**, Niterói/RJ, v. 10, n. 27, p. 165-175, 2023. Available for access: <<https://periodicos.uff.br/culturasjuridicas/>>.

BERCLAZ, Marcio Soares. O legado filosófico de Enrique Dussel (1934 – 2024). **Revista Culturas Jurídicas**, Niterói/RJ, v. 10, n. 27, p. 165-175, 2023. Disponible en: <<https://periodicos.uff.br/culturasjuridicas/>>.